

TENSÃO

Racha entre os magistrados foi um dos entraves para a reprovação de Jorge Messias

Victor Piemonte/STF



André Mendonça rebateu críticas sobre investigações do caso Master

Rosinei Coutinho/STF



Para Gilmar Mendes, colega teria cometido excessos em sua atuação

Embate entre Gilmar e Mendonça expõe STF

» RENATO SOUZA

Os momentos de tensão entre os ministros André Mendonça e Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal (STF), durante o julgamento relacionado à manutenção da prisão de familiares do empresário Daniel Vercaro, dono do Banco Master, na semana passada, tornou pública uma disputa que, até então, era restrita aos bastidores da Corte. O episódio evidenciou divergências sobre a condução das investigações do caso Master e reforçou a percepção de um tribunal dividido em meio à maior crise institucional enfrentada pelo STF nos últimos anos.

Durante a sessão, Mendonça reagiu às críticas feitas por Gilmar Mendes à condução das investigações e afirmou que recusou uma "delação seletiva" de Vercaro. Em outro momento, declarou que "perderam o pudor", em referência ao que considerou tentativas de interferência no curso das apurações. O ministro também rebateu comparações feitas ao caso e afirmou que o processo envolvendo o

Banco Master "não é Lava -ato". Já Gilmar Mendes criticou o que classificou como excessos investigativos e questionou a linha adotada no inquérito.

O choque entre os dois ministros foi interpretado por integrantes do Congresso como a manifestação mais explícita da divisão interna que se aprofundou no Supremo desde o avanço das investigações do caso Banco Master. O episódio ocorreu poucos meses após a rejeição, pelo Senado, da indicação de Jorge Messias, atual advogado-geral da União, para uma vaga na Corte em uma derrota considerada histórica e que expôs a perda de capacidade de articulação política em torno do tribunal.

Bastidores

Nos bastidores da Corte, interlocutores avaliam que a sucessão de divergências públicas entre ministros contribuiu para aumentar a resistência à indicação de Messias. Embora a rejeição tenha resultado de múltiplos fatores políticos, senadores relataram

que o ambiente de conflito dentro do STF pesou nas discussões sobre a renovação da composição da Corte. Além disso, outro impacto deve-se ao fato de o ministro Alexandre de Moraes, que tem forte influência entre seus pares, nos bastidores, se opor à chegada de Messias ao Tribunal.

O caso Banco Master tornou-se um dos principais focos de tensão no Supremo após a saída do ministro Dias Toffoli da relatoria e a redistribuição do processo para André Mendonça. Desde então, decisões envolvendo prisões, compartilhamento de provas e quebras de sigilo passaram a produzir divergências abertas entre diferentes correntes do tribunal.

Para ministros ouvidos reservadamente por integrantes do governo e do Congresso, o confronto entre Gilmar e Mendonça representou mais do que uma divergência jurídica. A troca de acusações evidenciou disputas sobre os limites das investigações e sobre o papel do STF diante de um escândalo que já alcança empresas, políticos e autoridades dos três Poderes.

Em campanha

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva não desistiu de enviar novamente a indicação de Jorge Messias ao Senado para votação do nome do jurista a uma das vagas abertas na Corte, após a saída do ministro Luís Roberto Barroso. O presidente da República quer deixar claro que a escolha do nome é uma prerrogativa do cargo que ele ocupa. Nos bastidores, Jorge Messias tem atuação para construir um cenário favorável para que desta vez, indo para votação pelo plenário do Senado, seu nome seja aprovado.

Messias tem feito chegar em parlamentares da oposição e do governo que dentro da mais alta Corte do país, ele não pretende ampliar embates entre o Judiciário e o Legislativo e que sua atuação será pautada pela defesa do republicanismo, atuando de maneira técnica e sem privilegiar nenhum lado ideológico em suas decisões, equilibrando suas decisões levando em consideração os efeitos tanto na população alinhada com a direita quanto com a esquerda.

SEM ACORDO

Relação "travada" entre Lula e Alcolumbre

A rejeição ao nome do Advogado-Geral da União, Jorge Messias, para o Supremo Tribunal Federal ainda é um assunto indigesto entre o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), e o presidente do Senado Federal, Davi Alcolumbre (União-AP). De acordo com senador e ex-ministro da Agricultura Carlos Fávaro (PSD-MS) o diálogo entre o, ainda está "travado". Ele avalia, entretanto, que a questão vai "se resolver".

"Está travado, mas eu confio na política, confio no diálogo. Já busquei a interlocução entre os dois, como outros colegas também buscaram. No seu tempo, as coisas vão madurar, e o diálogo vai voltar a prevalecer", afirmou a jornalista em entrevista durante evento do setor ferroviário em Dom Aquino (MT).

Ainda assim, Fávaro afirma que não há expectativa de prazo para que a relação entre os

dois seja restabelecida. "Não sei e nem posso dizer que isso acontece antes do início das campanhas eleitorais, mas a política sempre acha o caminho. Como a água sempre acha o caminho, a política também sempre acha", disse.

O clima entre Lula e Alcolumbre tem feito com que pautas consideradas importantes para o governo federal, como o projeto de emenda à Constituição (PEC) da

redução da jornada de trabalho e o projeto de lei (PL) dos minerais críticos fiquem paradas na Senado. Sem tramitação.

Tanto os congressistas quanto o setor produtivo reclamam que a questão causa uma espécie de letargia em assuntos considerados essenciais para a economia ou para as eleições e pedem que haja acordo entre os líderes do Executivo e Legislativo. (Com Agência Estado)

AJUSTE

Rio de Janeiro fará adesão ao Propag

Ernesto Carriço/Gov. RJ



O acordo será assinado pelo governador interino do Rio, Ricardo Couto

O presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), e o governador interino do Rio de Janeiro, Ricardo Couto, vão assinar no Palácio Guanabara, sede do governo fluminense, a adesão do estado ao Programa de Pleno Pagamento de Dívidas dos Estados (Propag). A cerimônia será amanhã, às 10 horas.

Além de Lula, vão representar o governo federal o vice-presidente da República, Geraldo Alckmin, a ministra da Casa Civil, Miriam Belchior, e o secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Rogério Ceron, que atua como ministro em exercício em substituição de Dario Durigan.

O Propag oferece um sistema de pagamento da dívida do Estado com a União mais vantajoso. Por meio dele, governadores podem ampliar o prazo de pagamento dos

débitos e a redução de encargos financeiros. Por outro lado, as unidades federativas precisam fazer investimentos em áreas estratégicas para conseguir benefícios fiscais.

Ao participar do Propag, o Estado do Rio, que mensalmente paga para a União em torno de R\$ 490 milhões, vai passar a ter uma redução nas prestações. O valor agora será de R\$ 113 milhões por mês, com crescimento gradual ao longo de cinco anos.

Além de assinar a adesão do Rio ao Propag, Lula vai cumprir outras três agendas na capital fluminense.

O presidente vai participar da premiação da 20ª Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas, anunciar investimentos para periferias e favelas, além de apresentar iniciativas para indústrias e áreas degradadas. (Com Agência Estado)

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



A pátria em chuteiras e o desafio de Ancelotti no comando da Seleção

A memória é traiçoeira, ainda mais do nosso futebol. Com o passar do tempo, vitórias parecem inevitáveis, e derrotas são acidentadas de percurso. É o caso da Seleção Brasileira de 1970, lembrada hoje como a maior equipe de futebol de todos os tempos, liderada por Pelé, que encantou o mundo e conquistou definitivamente a Taça Jules Rimet. Entretanto, quando desembarcou no México, aquela seleção estava desacreditada.

A recente série da Netflix sobre a campanha de 1970, embora misture fatos e ficção, recupera essa verdade esquecida: o Brasil chegou à Copa cercado por dúvidas, como acontece agora com o time do técnico italiano Carlo Ancelotti. O trauma da eliminação na Inglaterra, em 1966, ainda estava vivo. A substituição de João Saldanha por Zagallo provocara enorme polêmica. Havia interferência política do regime militar. E dúvidas sobre a condição física de Pelé e Tostão e a capacidade do supersticioso técnico Mario Jorge Zagallo.

Mas houve uma convergência de astros. O grupo encontrou equilíbrio raro entre orientação tática, disciplina coletiva e liberdade criativa. Com Pelé, Tostão, Jairzinho, Rivellino, Gérson, Clodoaldo, Carlos Alberto, o futebol brasileiro mostrou uma característica singular: fundir o talento individual ao espírito coletivo. Mais do que vencedora, aquela seleção tornou-se uma representação do país. É o que ainda não acontece agora.

Carlo Ancelotti assumiu a Seleção Brasileira em circunstâncias diferentes. Está diante de um desafio complexo. Não é a falta de talento. O Brasil conta com jogadores extraordinários. Mas ainda falta uma identidade coletiva capaz de reconectar a Seleção ao imaginário popular. Em 1970, os brasileiros conheciam seus craques. Pelé jogava no Santos. Rivellino era o ídolo corinthiano. Jairzinho brilhava no Botafogo. Tostão encantava os mineiros no Cruzeiro. O torcedor acompanhava seus ídolos nos estádios, nos jornais e pelo rádio.

Havia uma relação afetiva entre os jogadores e o público. Eram pessoas comuns capazes de feitos extraordinários. Hoje, a realidade é outra. Muitos jogadores deixam o país ainda adolescentes. Constroem suas carreiras na Espanha, Inglaterra, França, Alemanha ou Arábia Saudita. São admirados pelo que fazem em clubes internacionais, mas estão distantes do cotidiano do torcedor brasileiro. Alguns jogam em equipes desconhecidas. Outros se destacam em campeonatos acompanhados apenas por bolhas de torcedores.

Existe ainda um distanciamento emocional. Vinicius Junior é um dos melhores jogadores do mundo. Temos Rodrygo, Raphinha, Bruno Guimarães e tantos outros. Mas o afeto não é a mesma que existia com os heróis de gerações anteriores. Neymar ainda não tem condições de jogar; o garoto Endrick, novo xodó da torcida, não caiu nas graças do técnico. Pedro, centroavante sortudo e oportunista do Flamengo, apesar de artilheiro do campeonato brasileiro, não foi convocado.

Globalização

Houve uma mudança de paradigma na montagem da Seleção cuja maior referência é a contratação de um técnico italiano para conduzir a equipe. Esse fenômeno transcende o futebol, é fruto também da globalização, da glamourização da vida privada dos grandes craques, que ganham mais dinheiro fora do que dentro dos campos e se tornam bilionários. Houve uma transformação cultural produzida pela globalização. Era preciso um técnico respeitado pelos "estrangeiros".

Ancelotti conhece bem esse contexto. Italiano, vem de um país em que o futebol também ocupa lugar privilegiado na vida nacional. Na Itália, como no Brasil, clubes e seleções mobilizam paixões coletivas, identidades regionais e sentimentos patrióticos. Entretanto, existe uma diferença fundamental. Na Itália, o futebol é uma paixão nacional. No Brasil, tornou-se parte da própria definição de brasilidade.

Poucos compreenderam isso quanto Nelson Rodrigues. Em suas crônicas reunidas em obras como *A Pátria em Chuteiras* e *A Sombra das Chuteiras Imortais*, a Seleção é mais do que uma equipe esportiva. Ela representa a nação em sua dimensão simbólica. Foi Nelson quem cunhou a expressão "complexo de vira-latas" para descrever o sentimento de inferioridade que, segundo ele, acompanhava os brasileiros após a derrota para o Uruguai na Copa de 1950.

As conquistas de 1958, 1962 e 1970 representariam justamente a superação desse trauma coletivo. Quando a Seleção entrava em campo, era o próprio Brasil que se apresentava ao mundo, era a "pátria em chuteiras". Nosso futebol é uma forma de representação nacional de raízes antropológicas, mais poderosa do que discursos políticos e campanhas cívicas. Sintetiza características da nossa sociedade nacional. Nele convivem disciplina e improvisação, estratégia e criatividade, ordem e invenção, o real e o fantástico.

A Seleção de 1970 foi a expressão dessa síntese. Pelé era o rei. Gérson, o cérebro. Rivellino, a pontaria infalível. Jairzinho, a força avassaladora. Tostão, a inteligência tática. Nenhum deles anulava o outro. O conjunto avançava as partes. Essa é a grande lição para Ancelotti.

Não se trata apenas de escolher os melhores jogadores ou definir o esquema tático mais eficiente. A tarefa é transformar talentos dispersos num força coletiva capaz de emocionar os brasileiros. O três a um contra o Haiti mostra o caminho, mas é apenas um começo. O fantasma da derrota por 7 a 1 para a Alemanha, no Mineirão, em 2014, ainda ronda nosso imaginário, como aquele 2 a 1 a favor do Uruguai, no Maracanã, na Copa de 1950, que assombrou o time de Zagallo.